

CONTOS

MIL POEMAS (1º lugar)

(Marcos Lucas 2º ano)

Não sou escritor, mas esse conto me dispusera a relatar. Não sou nenhum Policarpo de Esmirna¹, no entanto, prometi ao meu amigo João sua história documentar. Quem sou meu caro leitor, a ti não lhe vale importar. A figura a quem deves focar, é o poeta da história que vou lhes contar cujo mesmo contrai essa mania de rimar.

Essa história poderia ser sobre qualquer João nascido nesse país, não fosse uma característica singular, este era aspirante a poeta. Seu primeiro contato com a poesia foi aos nove anos de idade: Indo para casa acompanhando o pai - que acabara de sair do trabalho – quando avistou no meio de uma praça um indivíduo rodeado por um bocado de gente. João parou por alguns segundos, o bastante para ouvir um trecho da oratória dirigida pelo homem:

*“Num país onde a educação deixa a desejar,
no futuro seu povo há de lamentar,
sentirão falta das palmatórias,
que em caso de desinteresse,
suas mãos faziam flamejar!”*

João não sabia ao certo o significado daquelas palavras, mas uma empolgação tomou-lhe de súbito, e a rima entrou na sua cabeça indo até a ponta da língua. O pai de João notando que o moleque ficara para traz deu-lhe um grito. João assustou-se e correu em direção ao pai, indagando antes mesmo de alcançá-lo:

- Pai, pai. Pode me esperar? Queria lhe perguntar, quem é aquele homem que não para de falar?

- Ôxe, deu pra ser repentista² agora foi? – disse com ar de repreensão o pai de João – Só pode ser um andarilho ou ativista poeta, pra mim não tem diferença, são tudo vagabundo que não tem o que fazer!

¹ POLICARPO DE ESMIRNA: Um dos discípulos do apóstolo João. É reconhecido como santo tanto pela Igreja Católica Romana quanto pelas Igrejas Ortodoxas Orientais.

² REPENTISTA: Poeta popular em Portugal ou no Brasil, improvisador que, a partir de um mote, debita espontaneamente um poema em forma de repente.

- Poeta?

- Sim! Mas esqueça disso, de poesia não se tira o que comer, você tem que aprender a profissão do seu pai pra quando crescer, se tornar um grande construtor.

- Coisa que você não é, né pai?

O pai de João respondeu de modo incisivo:

- Quantos dentes quer perder antes de chegar em casa? Fecha a matraca e acelera o passo!

Chegando em casa João esquecera o conselho do pai e pôs-se a compor poemas. Compunha sobre tudo que desse rima fazendo sentido ou não, ele só aprendeu sobre o que realmente era poesia na escola, mas, a essência poética só floresceu ao se apaixonar pela primeira vez. João via poesia em tudo; no florescer de uma flor, no cair das pétalas e no vento que as leva, tudo era poesia nos olhos do poeta.

João fazia versinhos para galanteios e flertava muito com as garotas da escola. Os flertes e o desenvolvimento de técnicas para conquistar as garotas tomava-lhe muito tempo, tirando sua atenção nos estudos, achava a escola muito chata; *pra quê estudar, vou trabalhar, mais tempo para divertir-me sobrar, o pão é que não vai faltar*. Dizia João aos seus amigos.

Antes de completar o ensino médio João largou a escola, seu pai impôs a seguinte condição: *se não vai estudar, em dobro é que vai trabalhar*. Foi dito e feito, João foi trabalhar de servente de pedreiro, mas continuava a flertar, isso lhe rendeu uma namorada que, aos dezoito anos lhe rendera um filho.

Assim João se encontrava: pai de família, servente de pedreiro e poeta incompleto. No começo havia caricias e abraços, a empolgação de ser pai ajudara João a superar a perda do pai, que falecera vítima da malária seis meses antes da concepção da criança, o pai era a única família de João desde que sua mãe morreu quando ele tinha apenas seis anos e, ele era filho único.

Veio então às *vacas magras*, o emprego estava escasso, João tinha se acomodado tanto trabalhando com o pai, que não se preocupou em aprender novos ofícios, nem mesmo na sua área. No prato só havia arroz e alguns grãos de feijão. Sua esposa já estava em desespero:

- Cortou a *luz*, o dono da mercearia não vende mais fiado, você está devendo pra Deus e o mundo! – vociferou a esposa de João.

- O que me dizes é de meu conhecimento, Deus sabe como lamento...

- Não me venha com suas rimas numa hora dessas – interrompeu a mulher apontando-lhe o dedo – não aquento mais isso, ou você arranja um emprego ou eu te arrango um divórcio.

Enquanto a discussão rolava, a criança, fruto de João – já com seis anos – puxava a saia da mãe, gemendo e gritando pedindo o que comer, como forma de aliviar a dor no estômago, hora dobrava os joelhos e se agachava, hora balançava os braços segurando a saia da mãe.

No outro dia bem cedo João foi procurar emprego, andou de oficinas a supermercados, mas não conseguiu nada. Quando não o aceitavam por falta de experiência era por não ter o nível de escolaridade requisitado. Decidiu então ir ao SINE da cidade, verificou as vagas de emprego, mas não se encachava em nenhuma, o jeito era apelar para persuasão e ir falar com um dos atendentes:

Bom dia! – disse João com um sorriso estridente – Estou à procura de emprego, não tenho ensino superior ou médio, mas não me faltam disposição e desejo. Desejo de ser útil ao empregador, este a quem vou dar muito valor, curso técnico eu não tenho, mas técnica se obtém em pouquíssimo tempo, se oportunidade me deres não haverá desapontamento.

A atendente baixou os óculos para encarar João, de fato não se surpreendeu com as palavras do poeta, e, finalmente respondeu:

- Meu senhor, até eu sei rimar, seu caso nem precisei analisar, se não tens qualificação alguma, oportunidade pra você aqui não há!

João perdeu as perspectivas, sentiu vergonha de si mesmo. Antes de sair do SINE a atendente deu uma última palavra: o aconselhou a ir para cidade grande onde teria mais oportunidades de emprego e menos vista grossa devido à falta de mão de obra, na hora João não considerou a ideia. Quando voltou pra casa, já havia anoitecido, estava silencioso, um silêncio cortante, João entrara no *barraco*, que estava num breu, sem lamparinas ou velas, sem almas ou vida, a não serem os fungos e insetos. Sua mulher havia partido levando seu filho junto. João sentou-se na porta da casa e olhou para o céu, a falta de iluminação permitiu-lhe ver as constelações claramente e, como uma *supernova* da origem a novas estrelas, uma explosão de esperança deu novos objetivos a João.

- Vou pra São Paulo. – Disse João pensando alto – Vou de carona – complementou. João correu pra dentro da casa pegou as poucas roupas descentes que lhe restavam e partiu.

Chegando a São Paulo João se deparou com uma situação pior ainda, havia vagas de emprego, mas se não estavam preenchidas era porque não haviam pessoas qualificadas para ocupá-las e, as empresas não estavam tão desesperadas a ponto de contratar João.

Sem dinheiro para voltar pra casa, muito menos para se alimentar, o jeito foi mendigar e dormir nos bancos das praças. Nas primeiras semanas vieram às saudades a angústia e o choro.

Passaram-se meses e a situação não mudara, numa atitude proveniente de revolta, João subia no banco da praça e começava a recitar seus poemas, chamando a atenção dos pedestres. Passado o sentimento de raiva, ao ver a atenção que recebia, viu que o que tinha feito era bom, então João pôs-se a compor seus poemas novamente, isso o fez lembrar-se da infância e imaginar como teria sido diferente se tivesse permanecido na escola, lembrou-se do sonho que o pai tinha para ele, sonho que ele interpretou mal achando que bastava a experiência ganha com os *bicos* para se tornar um profissional.

Foi numa das ocasiões em que recitava poemas na praça que conheci João. Tornamo-nos amigos e eu ajudava-lhe como podia, apesar da relutância em conservar seu orgulho eu ainda conseguia levá-lo para tomar um banho em minha casa. Numa conversa sobre seus tropeços na vida, João teve a ideia de publicar um livro sobre ele mesmo e pediu para que eu aceitasse a missão de escrevê-lo, recusei na hora, dando o pretexto de que ele escrevia melhor que eu e achar uma editora que o publicasse seria difícilimo, no entanto, prometi que se o fizesse seria fiel aos acontecimentos e aos detalhes que me contara. Era tarde da noite quando João quis voltar para o banco da praça, insisti para que ele ficasse e dormisse na minha casa, mas ele recusou com veemência.

No dia seguinte chegou a mim a terrível notícia; naquela mesma noite em que João me propunha escrever o livro sobre sua vida, enquanto dormia no banco da praça, cinco indivíduos encharcaram-no com gasolina e atearam fogo. Os marginais fugiram, outros mendigos ajudaram a apagar as chamas. João teve oitenta e cinco por cento do corpo queimado e, no terceiro dia de agonia, veio a falecer.

Como prometido estou sendo fiel aos fatos da história do meu amigo João, lamento não ter informações suficientes para compor um livro, mas um conto sobre um poeta é que vale a mil poemas. João não se qualificou para o mercado de trabalho e não conseguiu atender as exigências da indústria, muito menos foi um poeta erudito, mas suas mensagens enquanto poeta de pracinhas marcou muitos ouvintes. Despeço-me deixando o último poema composto por João:

Que é o homem?

Obra prima de Deus.

Que é a vida?

A chance de contemplar o universo,

a moldura que Deus lhe deu,

busquemos conhecimento,

dando ouvidos a quem um dia não deu,

aprendendo com quem venceu,

atendendo as exigências,

da sociedade em que nasceu,

pra quando voltarmos ao pó,

agradecer a Deus,

pela vida sem arrependimentos que ele nos deu.

O CAIPIRA QUE FOI TRABALHAR NA CIDADE (2º lugar)

(Dinaildo A. dos Santos 1º)

Olá! Boa noite, esse conto é quase real, é um pouco da minha vida de quando saí da roça e fui para a cidade grande.

Eu me chamo Carlos e tenho três filhos e uma esposa maravilhosa chamada Edileuza, a saímos da roça direto para a cidade grande. Ao chegar naquele lugar, admirado com todos aqueles prédios, logo peguei meus dois filhos pelas mãos e fomos procurar uma pousada. Ao chegar a tal pousada fomos logo dormir, pois estava ansioso para procurar emprego.

Com o raiar do dia fui em busca de emprego, andei muito, procurei em vários lugares mais nada. Em alguns minutos de descanso encontrei um senhor que estava sentado em um banco de uma pracinha. Ele era bem simpático e durante nossa conversa ele me aconselhou que procurasse o SINE da cidade e que lá possivelmente eu encontraria trabalho. Segui o conselho fui àquele órgão.

Chegando lá, a moça que me atendeu me perguntou se eu tinha alguma qualificação profissional, eu fiquei confuso, pois nem sabia o que era isso. Então ela me explicou o que significava a tal qualificação profissional, no ato retruquei que a única profissão que eu sabia era de carpir a roça. Ela me deu um sorriso sarcástico, me dizendo que com minha profissão, naquela cidade, eu não teria chance alguma de encontrar um emprego. Fiquei muito abatido, a atendente percebeu minha frustração e me explicou que lá no SINE tinha várias vagas de emprego, porém todas exigiam experiência e qualificação, e que para isso eu teria que fazer cursos.

Nesta ocasião fiquei sabendo que no SESI existe a modalidade EJA-EBEP, onde eu poderia atualizar meus estudos e ainda fazer cursos profissionalizantes, decidi me matricular, comecei a estudar, mas tinha doze anos que não estudava, encontrei muitas dificuldades. Nos primeiros quinze dias, pensei em desistir, mas fui forte levantei a cabeça e continuei até o fim. Concluí os três cursos do SENAI e o ensino médio.

Até então vivia de bicos, mas com ensino médio concluído e três diferentes cursos de qualificação profissional, fui atrás de um emprego fixo. Minha primeira tentativa foi em uma loja de materiais de construção, falei com o gerente que me conduziu ao proprietário para uma entrevista e por fim consegui o emprego.

Fui correndo para casa contar a minha esposa e filhos, que agora eu era um homem empregado com carteira assinada e tudo.

Para termos sucesso na vida e ter qualidade profissional temos que estudar muito. Nesse mundo de hoje sem estudo nós não somos nada.

RASCUNHO DA MINHA VIDA. (3º lugar)
(Silvino 3º)

O pequeno menino, menino que queria trabalhar.

Quando esse menino com cerca de dez anos de idade foi passar as férias na fazenda do avô, ele chegou e falou para avô:

-- Vê eu tô aqui para aprender a trabalhar e saber como senhor ficou rico.

O vovô, homem de pouco estudo, mal sabia assinar o nome, sorriu e falou:

-- Tá bom, vou te mostrar.

Durante os dois meses seguintes dezembro e janeiro, colocou o neto para ajudar os peões, tinha que levantar cedo às cinco horas da manhã para ajudar a tirar leite, sofria mas não conseguia, tentava pedia ajuda para fazer o leite jorrar das tetas das vacas mas, não tinha muita força nem jeito. Depois da ordenha ia para roça carpir, ajudar a fazer todas as atividades do dia e ainda comer junto dos peões as refeições, que vinham em pratos coberto um pano amarrado, a merenda era o resto do almoço, embora boa e bem feita era fria.

Só tinha descanso da roça aos domingos, mesmo assim tinha que ajudar com as vacas, tratar dos porcos e galinhas e várias outras atividades rotineiras.

Enquanto isto, os primos que também estavam de férias e se deliciavam o tempo todo no pomar, comiam as delicias de doces e biscoitos da vovó, tomavam banho de rio e cachoeira, e caçoavam do primo que o avô tinha colocado para trabalhar duro nas férias.

O garoto com o corpo doendo as mãos em bolhas aguentou até o fim, só pensando em aprender a trabalhar, para depois ganhar dinheiro e ficar rico.

No dia de ir embora, a turma toda estava feliz e descansada para voltar para escola. Então o vovô e vovó como sempre faziam, reuniam todos, na grande sala do casarão do século XIX do interior de Goiás, se despediam e diante de todos, pagou que o neto trabalhador merecia receber. Era muito pouco, mas para o menino parecia uma fortuna. Os outros que riram dele por ter trabalhado reclamaram que também queriam algum, o avô sempre dava, mas dessa vez não deu. Chamou o jovem trabalhador e lhe disse:

-- Cê viu o jeito que eu comecei a vida, é muito dura e assim não dá mais nos dias de hoje, portanto a partir de hoje cê vai estudar pra conseguir uma vida boa, e não sê um ignorante, e dar mais valor a quem trabalha no duro por não ter condições de ir pra escola.

Nunca me esqueci disso. Não pude concluir meus estudos por diversos fatores, já formei dois filhos eu estão muito bem só falta formar a mais nova, porém ela estuda na melhor escola da cidade assim como os irmãos.

Agora decidi retomar os estudos, tenho o desejo de me formar e especializar em pelo menos um curso superior. Reconheço a importância dos estudos, tudo graças ao meu avô.

Obrigado vovô.

POESIAS

O DIA EM QUE ACORDEI (1º lugar)

(Camila Neves da Silva)

Quando eu era adolescente achava que o mundo era meu
Achava que não precisava de estudos que a vida era só diversão
Mas aí eu cresci e o mundo virou um bicho papão

Não tinha mais mamãezinha
e nem o papai com a tal da pensão
Encarar o mundo do trabalho agora era a minha obrigação

Procurei daqui, procurei dali,
mas não me encaixava em nenhuma função
Já que com o estudo que eu tinha,
não dava nem para pilotar fogão

Acordei e me vi sem nenhum tostão,
ai percebi que sem estudo iria levar uma vida de cão
levantei da cama e vi que na minha mesa
não havia nem sequer um pão

Parei e pensei, vou arrumar uma solução
Voltar para escola é a minha única opção,
Já que sem estudo hoje em dia
Não se arruma emprego nem para limpar o chão.

Nosso povo brasileiro (2º lugar)

(Geraldina P. dos Santos Souza)

Nosso povo brasileiro,
Não podemos desistir,
O cansaço é muito grande,
Mas podemos conseguir.

Para muitos não é fácil,
Estudar e trabalhar,
Mas com certeza não desista,
Pois conseguiremos chegar lá.

Com estudo conseguiremos,
Nos melhor qualificar,
Ter um bom conhecimento,
Para poder trabalhar.

Quando pensar em desistir,
Olha para o alto lá,
Pois com força e perseverança,
Consequiremos chegar lá.

EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO (3º lugar)

(Matheus Ribeiro Rocha)

Tinha um jovem rapaz
Muito astuto e também capaz
Era novo, mas não bobo
Tudo ele sabia e fazia

Tinha um trabalho
Não era tão bom
Mas foi o que arranjaram
Seu nome era João e odiava feijão

Certo dia entrou um novato
Totalmente ingrato
Então João tinha um dever
Fazer Pedro tudo aprender.

João ensinou Pedro uma lição
No local de trabalho, bagunça não
João ensinou-lhe um legado
Que no local de trabalho era necessário.

Sempre se portar com atenção
Porque o patrão, para mandar um embora,
Não faz cerimônia não

Pedro então aprendeu uma lição
Que a “educação para o trabalho”
É realmente necessário
Daí por diante trabalhou
Sempre avante!